
ENTREVISTA 2 – E2

E – Sexo feminino... Idade?

E2 – 28 anos!

E – Ok! E o teu Grau Académico?

E2 – Tirei a Licenciatura em 2000...

E – Falando agora relativamente ao contributo da Formação inicial, ou seja do próprio curso de Enfermagem... Qual é que achas que foi o contributo do Curso, para o teu papel de orientadora de alunos?

E2 – Então... Aaaa... Tipo, na formação base, passamos por muitos serviços... E por vários Hospitais... Centros de Saúde... Pronto... Ou seja, temos uma grande variedade de estágios... Cada um com um orientador diferente... Pronto... Mas, tipo... Apesar de estarmos no papel de alunos, o facto de ter de passar pelas mãos de diversas pessoas responsáveis por nós, faz com que isso nos desperte para, quando for a nossa vez de orientar alunos, querermos fazer de uma maneira e não de outra... Porque como já tivemos no papel de alunos... Sabemos que é mais fácil agir de uma forma e não de outra, porque já passamos por aquilo... Mas pronto, quer dizer... Isto é na prática! Foram conclusões e aprendizagens minhas como aluna... Agora tipo, se me perguntares se nas aulas alguém falou, ou deu alguma matéria sobre a orientação de alunos... Huum... Que eu me lembre... Acho que nunca ninguém falou nisso! Portanto... Bases teóricas sobre orientação de alunos, vindas do curso de Enfermagem... Não! Nenhumas!

E – Pois... E agora em relação a formações que fizeste, dentro da área da Formação em geral... E dentro da orientação de alunos em particular?

E2 – (risos)... Olha só mesmo este ano, em Janeiro/ Fevereiro... É que fiz um curso mesmo de Orientação de alunos! Foi um curso dado na Resende...

E – E o que aprendeste de novo? Que contributos...

E2 – Olha... Aquilo foi tipo, um curso de “Estratégias da formação em parceria”... Foi organizado pela Escola de Enfermagem... E os objectivos eram, tipo... Clarificar o trabalho em parceria da Escola com o Hospital, falar dos papéis dos docentes e dos orientadores dos alunos, desta escola, nos

locais de estágio... Falaram também do desenvolvimento de competências para a orientação, e depois para a avaliação dos alunos... E pronto! Era mais ou menos isto... Mas nada de novo!

E – E porque é que resolveste fazer este tipo de formação?

E2 – Foi uma escolha pessoal... É um tema que eu gosto... E como já tinha orientado alguns alunos... Queria saber mais coisas acerca da orientação... Esta formação até me foi proposta por uma enfermeira da Resende... Porque como na altura em que ía começar o curso, eu estava a orientar uma aluna daquela Escola... A professora de lá, numa das avaliações intercalares do estágio, disse-me se eu não queria ir... E eu, achei uma ótima ideia! Porque, verdade seja dita... Não há muita formação disponível na área da orientação de alunos... Acho eu!

E – E em relação ao teu investimento na Auto-Formação?

E2 - (risos)... Confesso que tem sido menos do que eu desejava... E isto porquê? Porque o tempo gasto na auto-formação, acaba por ter de ser tempo nosso... Tipo, o tempo em que não estamos a trabalhar... Ou seja, nas folgas! (risos)... E nas folgas já temos tanta coisa para fazer... Mas pronto, desde o ano passado, que tento investir mais nesta área... Mesmo em termos de conhecimentos teóricos, para depois poder-lhes ensinar, etc... Mas de facto, a maneira como eu tenho aprendido mais, nesta área da orientação, é com o contacto directo com os próprios alunos, e com os docentes das Escolas... E claro, com a partilha com os meus próprios colegas, também eles orientadores de alunos...

E – E a nível do teu Projecto Profissional? Engloba a formação e a orientação de alunos?

E2 – Sim! Sem dúvida! A orientação de alunos está mesmo incluída no meu projecto!

E – Bem... Falando agora do teu percurso profissional... Qual é o teu tempo de exercício profissional?

E2 – Este ano já vai fazer 7 anos!... (risos)

E – Pois... E como enfermeira, por onde é que já passaste até hoje?

E2 – Então... tipo... acabei o curso e vim aqui para o hospital, para o SUP... onde ainda estou! (risos)... e depois trabalhei em duplo durante 3 anos na

Cardiologia Pediátrica do Sta Marta... Saí de lá no princípio deste ano!... Ah! Estava lá a meio horário... Fazia uns 2 ou 3 turnos por semana...

E – Então, sempre trabalhaste como prestadora de cuidados directos? Nunca ocupaste nenhum lugar diferente? Ou nunca tiveste outro tipo de funções?

E2 – Não! Não! Foi sempre na prestação! (risos)

E – Ora, então e relativamente ao tempo de serviço no SUP são então os 7 anos! Não é?

E2 – Sim! Praticamente 7 anos!

E – E pertences ao quadro do hospital?

E2 – Sim! Felizmente!

E – Ok! E agora em relação ao teu percurso de orientadora... Portanto, desde quando orientas alunos? E onde é que fizeste essa orientação...

E2 – Aaa... comecei a orientar para aí em 2002... tipo... em Outubro... ou seja, tipo tinha... Aaa... 2,5 anos de profissão... e foi no SUP que orientei... Mas, em Sta Marta, enquanto lá estive, mesmo sendo em duplo e só com meio horário... o meu chefe de lá deu-me uma aluna... Isto tinha para aí uns 3 anos de profissão! (risos)

E – Ok! E portanto, falando agora aqui do SUP, especificamente... Quantos alunos é que já orientaste cá?

E2 – Orientei uns 7! Uns do 3ºano e outros do 4º! E tipo... os do 3º eram do Estágio obrigatório, aaa... o Estágio de Pediatria, mas alguns deles podiam escolher se queriam mesmo a urgência... ou se preferiam o internamento... Porque... Aaa... tipo... Havia um grupo de alunos e um determinado número de vagas em vários serviços do Hospital e depois, eles entre eles é que resolviam... é que escolhiam, para onde queriam ir...

Os alunos do último ano, ... aí sim, eram mesmo estágios de opção... tipo, eles é que propunham à própria Escola de Enfermagem, “aquele “ serviço, “daquele” hospital... Tipo, é mesmo a opção deles...

E – Huum... Então e alguma vez orientaste mais do que um aluno em simultâneo?

E2 – Quer dizer... No mesmo serviço, não! Mas, tipo... Aaa... Por exemplo, o ano passado, quando ainda trabalhava lá no Sta Marta, e tive a tal aluna (do 3ºano)... Aaa... Ao mesmo tempo também tinha outra aluna (também do

3ºano), no SUP! Tipo... saía lá de turno com a aluna e vinha para cá entrar de turno com a outra aluna! Foi muito desgastante... E cansativo...

E – Agora gostava que me falasses acerca da tua motivação para a orientação de alunos... O que te motiva realmente? Porque é que gostas de o fazer?

E2 – É fácil! Para mim, orientar alunos é uma experiência muito interessante! Apesar de termos que dizer e ensinar muitas coisas repetidas... É sempre diferente! De aluno para aluno! Porque há sempre uma troca e partilha de saberes nos dois sentidos! Tipo, eles têm sempre algo novo para nos ensinar! Mesmo que não tenha nada a ver com a área da saúde! Eles ensinam-nos sempre algo! Tipo, até pode ser qualquer coisa sobre carros! Ou sobre a Marinha! Porque como já tive alunos da Militar... Já aprendi coisas que nunca pensei aprender! (risos)... A sério... Por um lado, é um espaço em que podemos partilhar as nossas aprendizagens, da nossa experiência como profissionais, e os alunos partilham também as aprendizagens teóricas deles... Que para nós servem muitas vezes de “actualizações” de conhecimentos já esquecidos... Tipo obsoleto! (risos)... Ou seja, é tipo um período que estimula muito a reflexão sobre a nossa prática! Quer como enfermeiros, quer como orientadores de alunos...

E por outro lado, a orientação permite-nos manter o contacto constante com as Escolas de Enfermagem... Tipo, porque quando terminamos o curso de Enfermagem, a tendência é a de... Escola de Enfermagem?! Nunca mais!... (risos)...

E – Ok! Agora gostava de saber, de onde, de quem partiu a proposta para orientares alunos...

E2 – Na altura quem me falou em orientar alunos foi a minha chefe de equipa... Foi ela que me tipo, propôs... Porque é que eu não investia nisso... Mas, é o chefe do serviço é que atribui os alunos... (risos)... E... Como é que ele faz a escolha dos orientadores... Isso eu não sei! Tipo... os critérios que ele usa... Não sei! (risos)... Mas pronto! Uma vez ele falou nisso e eu aceitei logo!

E – Pois... E agora falando em relação á orientação, mais especificamente... O que significa orientar alunos em estágio?

E2 – Então... Orientar alunos, é tipo, integrá-los na prática profissional; mostrar-lhes como prestamos cuidados; mostrar-lhes como funcionam as

coisas na prática, na realidade que eles depois vão encontrar quando saírem da Escola... Ou seja, orientar alunos em estágio é: proporcionar-lhes um tempo de integração, aprendizagem, reflexão e desenvolvimento de competências na prática de enfermagem. Pronto! É isso! (risos)

E – Ok! E quais é que são as competências que tu achas que o enfermeiro orientador deve ter?

E2 – Eu acho que quem orienta deve ser objectivo, verdadeiro, reflexivo, e deve ter espírito de ajuda e aprendizagem... Tipo porque, cada aluno é único, e tem o seu próprio desenvolvimento... E portanto, o tempo de estágio deve ser aproveitado e gerido da melhor maneira para o aluno conseguir atingir tipo, quer os objectivos dele, quer os objectivos da Escola... E então, o orientador deve ser uma pessoa objectiva e disponível, com espírito aberto, numa de ensinar o aluno mas aprender com ele ao mesmo tempo... Mas, ao mesmo tempo também deve ser assertivo... E tipo, rigoroso... Mas, tendo sempre em conta o tempo de adaptação do aluno... Porque há alunos mais perspicazes que outros... E mais dinâmicos... E com mais conhecimentos... Pronto... E depois, claro... Deve ter também conhecimentos suficientemente sólidos para poder ensinar com credibilidade... (risos)

E – Pois... Falando agora das tuas práticas pedagógicas... Que estratégias é que tu adoptas para orientares alunos?

E2 – Então... Tipo, uma das primeiras coisas que faço é ler os objectivos da Escola para o estágio... E depois conversando com o aluno... Tentar saber quais são os objectivos dele... Também porque às vezes os objectivos da Escola são um bocado vagos... E é sempre bom falar com os alunos acerca disto porque, tipo assim também podemos perceber as expectativas deles em relação ao estágio... Porque a maior parte das vezes os objectivos pessoais deles, são muito além dos da Escola... E isso é bom porque assim podemos perceber se estão motivados e entusiasmados com o estágio... E assim, depois de perceber o que o aluno quer fazer, cabe-me a mim, como orientadora, criar as oportunidades para ele desenvolver esses objectivos, tipo desenvolver conhecimentos teóricos, desenvolver a destreza manual, desenvolver por exemplo, a capacidade de comunicação com a criança... Sei lá!... Tipo, outra estratégia, o facto de me mostrar disponível, e tentar criar um ambiente agradável e aberto... Porque senão o aluno pode sentir-se

constrangido, e isso pode condicionar a aprendizagem dele... E depois o estágio pode não correr da melhor maneira... Ah! E tipo, outra estratégia é tentar sempre manter uma interacção com a professora da Escola... Ir fazendo as tais avaliações formativas...

E – Ok! E explica-me lá como é que fazes a transmissão dos teus saberes?

E2 – Aaaa... Quando há uma situação nova, se o aluno não está presente no momento, tipo a primeira coisa a fazer é chamá-lo... E depois, é explicar a situação em causa, e mostrar-lhe como se resolve... E, portanto, da próxima vez que a mesma situação se passar, cabe-lhe a ele resolve-la... E tipo, este método também serve para as técnicas, por exemplo! Se o aluno nunca aspirou um bebé, a tática é: eu faço e explico como é, e depois da próxima vez ele faz, e eu vou recapitulando, até chegar ao ponto em que ele faz e eu já não preciso dizer nada! Só fico a ver!... (risos)... Mas, tipo, em relação a coisas teóricas, eu se não tenho conhecimentos suficientes, vou pesquisar e depois no próximo turno a gente fala sobre o assunto... Porque os orientadores não têm que saber tudo! (risos) É tipo, aparece uma doença pouco frequente, eu sei pouco sobre aquilo, o aluno também não sabe grande coisa... Portanto, combinamos, pesquisamos ou vamos os dois á Net logo na altura, ou se não der, pesquisamos tipo em casa e, depois no turno a seguir, a gente fala sobre isso, e depois tiramos as nossas conclusões! Por isso, quando tu falas na transmissão dos saberes, eu acho que é uma coisa que se pode fazer de diferentes maneiras, consoante o tipo de saber... Prático, ou teórico, ou específico de uma situação qualquer... Mas, tipo, a transmissão é constante ao longo do estágio...

E – Sim... E agora diz-me lá como é que fazes a gestão, ou como é que organizas o estágio? E se sempre fizeste igual, ou não...

E2 – Tento coordenar o Guia de orientação de estágio da Escola, com os objectivos do próprio aluno, tendo por base as minhas experiências anteriores de orientação de outros alunos... Claro! Tipo, não vale a pena ambicionar determinadas coisas, se o estágio for curto demais... Ou não vale a pena, ficar muitos turnos em determinados postos de trabalho, se as coisas que lá acontecem são repetidas, ou são poucas... Tipo, quer dizer, tem que haver uma certa flexibilidade, não têm que ser 3 turnos ali, 5 além... Tem que ser de

acordo com o desenvolvimento do aluno, e de acordo com as situações que ele já presenciou... Eu no início era mais rígida em relação à quantidade de turnos em cada posto, porque achava que tinha que ser mais ou menos igual, tipo 4 turnos em cada posto... Mas, com o tempo, tipo, fui aprendendo que as coisas não têm que ser assim... O aluno fica no posto até conseguir domina-lo... Até conseguir ter alguma autonomia e, segurança naquilo que está a fazer... Tipo, isso foi uma das coisas que eu mudei com o tempo... Por exemplo, a Triagem é um posto difícil, que requer muita experiência e que só existe em serviços de urgência... E o S.O. é um posto mais parecido com o que eles já estão mais habituados nos outros estágios... É semelhante às enfermarias... Por isso, eu acho que os alunos devem passar mais tempo na Triagem do que no S.O... Ah! E ainda, falando dos objectivos dos alunos... Tipo, se chega um aluno ao pé de mim e diz: Eu gostava de desenvolver mais a técnica de picar veias... Eu como orientadora, tenho por obrigação, tipo, proporcionar que isso aconteça... E nesse caso, por exemplo, já vamos programar o estágio para ficar mais tempo na Sala de Tratamentos, que é onde se faz mais vezes essa técnica...

E – E em relação às actividades, ou trabalhos que o aluno faz durante o estágio? Colaboras? E que tipo de actividades são? E que aprendizagens fizeste...

E2 – Há vários tipos de actividades que eles fazem... Tipo, se é um Estudo de Caso... Posso ajudar na escolha... e depois posso ajudar a estruturar, o aluno vai-me mostrando á medida que faz... Eu vou dando a minha opinião... Pronto... Funciona mais ou menos assim... Se for tipo, um trabalho escrito, normalmente eu proponho sempre a eles, fazerem um trabalhito escrito, sobre uma patologia qualquer... Isto se a Escola não propõe! Ou por exemplo, também já aconteceu, o meu chefe pedir a um aluno meu para ele fazer um trabalho sobre uma doença... E também já aconteceu um colega meu sugerir eu pedir ao aluno para fazer um trabalho sobre um determinado tema... Tipo, mas há sempre um trabalho escrito... O que vai variando é quem o pede! Mas, claro que ajudo, colaboro, explico, supervisiono, e se for preciso até ajudo na pesquisa... E tipo, com as pesquisas até aprendo e descubro, ou então relembro... Conhecimentos, ou pormenores da doença, ou do tratamento... Ou então, descubro por exemplo, um novo tratamento... Ou uma nova técnica... Sei lá... Coisas inovadoras! Que depois até se torna giro porque acabamos por

partilhar com os colegas... As coisas novas que descobrimos... Às vezes nem são coisas ultra modernas... Até podem ser pequenos pormenores que nunca ninguém tinha pensado... E tipo, estas coisas obrigam-nos de certa forma a estarmos actualizados, e a reciclar os nossos conhecimentos... E obrigam-nos a melhorar a nossa prática no dia-a-dia...

E – E como é que fazes a supervisão e a avaliação dos alunos? Sempre fizeste igual?

E2 – Tipo, o trajecto é: eu explico, depois executo, depois esclareço as dúvidas... Depois trocamos... O aluno faz, e eu observo... Depois discutimos o desempenho dele e a minha observação... Esclareço mais dúvidas para ficar tudo claro e explicado, e depois reflectimos e avaliamos os dois os cuidados prestados... Como foi, porque foi, como deveria ter sido... E tipo, o que melhorar... Como melhorar... O segredo é fazer sempre desta forma para não haver equívocos nem enganos... Para o aluno não pensar que executou tudo muito bem, quando na realidade fez tudo ao contrário... (risos) Porque, a minha experiência como orientadora já me ensinou isso... Porque já passei por essa situação... De a aluna achar que fazia tudo muito bem... E afinal, não era o caso... Portanto, a partir dessa altura eu faço sempre desta maneira, e logo na altura... Já não uso a expressão “depois falamos”... (risos)... Uso antes a “vamos lá falar”!... (risos) Portanto, tornei-me mais directiva na crítica, mais objectiva... Actuo e falo na hora do acontecimento!... (risos)

Ah! E tipo, depois, sempre antes das avaliações formativas a meio do estágio com a professora da Escola, falo sempre primeiro com o aluno, do género... Para ele saber ao certo o que é que eu vou dizer à professora! (risos)

E – Fala-me agora dos momentos mais marcantes, ao longo do teu percurso de orientadora. Momentos positivos... E menos positivos... E exemplos.

E2 – Os momentos mais marcantes... Aaaa... Para mim, como orientadora... É mesmo, ter orientado alunos que, neste momento são meus colegas de trabalho, e com quem gosto muito de trabalhar... Principalmente, porque na prática deles, fazem as coisas ainda da forma que eu lhes ensinei, quando era orientadora deles... È giro ver isso! E por isso, é um momento marcante, pela positiva! Claro! (risos)... Outra coisa boa é, quando a gente vê que o aluno gostou do estágio... Ele investiu, e gostou desse investimento e dos frutos

desse investimento... Tipo, mantém-se interessado, e empenhado na prestação de cuidados, ou então pode até mesmo verbalizar... Já tive alunos que me disseram explicitamente, tipo “estou a gostar muito deste estágio” ou então “quando acabasse o curso, gostava de vir trabalhar para aqui”... E tipo, para mim como orientadora, é bom sentir que o aluno ficou satisfeito com o estágio, porque, também, indirectamente, assim sinto que desempenhei bem o meu papel de orientadora...É gratificante!

E – E situações menos positivas...

E2 – Menos positivas... Aaaa... olha, tipo, quando vemos um aluno que não gosta de Pediatria, e fazemos um esforço para o motivar mas, como ele não colabora... Tipo, eu como orientadora não posso fazer isto sozinha... Ele também tem que ter algum entusiasmo... Ou pelo menos mostrar alguma vontade em investir no estágio... Que afinal é um estágio dele... Outra coisa que me aconteceu, foi ter uma aluna que não aceitou bem as críticas que eu lhe fiz... E então, tipo, em plena avaliação final, à frente da professora da Escola... Resolveu desmentir-me!! Do género, eu tinha-lhe explicado que não podia fazer uma coisa de determinada forma, e ela no meio da avaliação disse que eu nunca lhe explicado coisa nenhuma... E que por isso mesmo, ela tinha feito da maneira que achava correcto fazer... Ou seja, a aluna mentiu mesmo nas minhas barbas! E tipo, fiquei mal vista perante a professora e a Escola... Claro!

E – Ok! E então, depois das reflexões feitas sobre estes acontecimentos positivos e menos positivos, alteraste algum comportamento, estratégia ou postura na tua actuação de orientadora de alunos?

E2 – Pois! Claro que sim! Geralmente, agora faço muito mais reuniões periódicas ao longo do estágio! Para não haver mais mal entendidos, como aconteceu com a tal aluna que te contei... (risos) ... Não estou para ser desmentida outra vez! Era o que faltava! (risos) ... Agora faço mais, tipo, pontos de situação da aprendizagem... Mais reflexões sobre as situações... Para ver o que é que se pode melhorar... Onde é que se tem que apostar mais... Para não haver enganar, nem da minha parte, nem da parte do aluno! Assim sabemos sempre o que cada um pensa do outro, e em que ponto estamos, e o que pretendemos fazer daqui para a frente! E se for preciso, até podemos alterar estratégias para melhorar o nosso desempenho... Quer o do

aluno, quer o meu como orientadora... Às vezes, nós como orientadores podemos ter dificuldade em ver algumas coisas, ou podemos estar a pressionar o aluno de alguma forma, sem darmos conta disso, e assim, se conversarmos com eles regularmente, isso pode ser alterado... E com isto, vamos melhorar a nossa função de orientar e eles, ao mesmo tempo, também ficam beneficiados por isso...

E – Pois... E falando agora especificamente, sobre as dificuldades que tu encontraste, ao longo de todo o teu percurso de orientadora... Que tipo de dificuldades encontraste? Tiveste dificuldades?

E2 – Oh! Claro que tive!... (risos) Olha, por exemplo, tipo, em termos de conhecimentos... Já tive alunos que me perguntaram coisas em que eu nunca tinha pensado... Ou mesmo coisas que eu nem sequer fazia a mínima ideia da resposta... Sei lá! Tipo, coisas sobre certos síndromes da Neurologia... Aqueles super esquisitos... Que uma pessoa só de olhar para os miúdos com estas doenças... Já fica baralhada sem saber o que pensar, quanto mais ter que explicar o que está a ver, a um aluno! Mas pronto! Nestes casos, digo que é um síndrome da Neurologia... E, ou vou perguntar a algum colega meu que esteja ali à mão, ou devolvo-lhe a pergunta! (risos) Tipo, digo para ele ir pesquisar em casa, e que no próximo turno falamos! E eu, assim também tenho mais tempo para ir ver coisas dessa doença... (risos) Mas, tipo, também já aconteceu eu dizer explicitamente ao aluno que não sabia grande coisa acerca de determinada patologia, porque, tipo, ninguém tem que saber tudo! Nem eu nem ninguém! E combinamos, tipo, pesquisar os dois... Pronto, mas a minha atitude também vai depender do tipo de aluno que tenho á frente... Adapto ao tipo de personalidade do aluno... Porque também há aqueles que nem perguntam nada! Tipo, dizem logo que vão pesquisar em casa e que trazem para o próximo turno qualquer coisa acerca da doença em questão...

E – Ok... Portanto tiveste dificuldades em relação a conhecimentos... E mais? Tiveste mais algum tipo de dificuldades?

E2 - Aaaa... Por exemplo, a nível da assertividade, no início era uma coisa que eu tinha uma certa dificuldade, tinha um coração mais mole... Pensava, tipo, oh são alunos coitados... (risos) Era ingénua! Também... Estava a trabalhar há pouco tempo, tinha ainda uma visão muito limitada das coisas... Com o passar do tempo e com a experiência... Fui-me tornando mais

assertiva, mais crítica, objectiva, directa e até mais incisiva, porque nós como orientadores não podemos deixar passar nada despercebido! Porque são os alunos que nós estamos a formar hoje, que vão ser os enfermeiros de amanhã, e que vão tratar de nós e dos nossos filhos! Por isso, temos que ser exigentes e rigorosos! (risos) ...

E – Ok... Então os contributos dessas dificuldades superadas...

E2 – Foi basicamente, sem dúvida o aumento de facilidade na crítica directiva! E claro, o investimento na procura de novos conhecimentos! (risos)

E – Pois... E a nível profissional? Alteraste algum comportamento na tua prática profissional, como enfermeira?

E2 – Sim! Tipo, sinto-me muito mais motivada para pesquisar coisas novas... Sobre doenças raras, ou terapêuticas novas... Sei lá... Mas, faço isto mesmo sem ter alunos! Faço por mim! Porque sinto vontade de saber mais... Para depois, também, quando tiver mais alunos, para poder ensinar mais coisas... Tipo, penso mais nas coisas do dia-a-dia, nos cuidados que presto, não faço só as coisas por fazer, sinto-me mais crítica, penso no porquê de fazer assim e não de outra maneira qualquer...

E – Ok... Então, resumindo e concluindo, que tipo de aprendizagens adquiriste ao longo de todo o teu percurso de orientadora de alunos?

E2 – Então... Aaaa... Fundamentalmente, aprendi a lidar com diferentes tipos de pessoas, várias personalidades, portanto, aprendi que não se pode orientar sempre da mesma maneira, sempre com as mesmas estratégias, ou seja o objectivo será sempre o de fazer uma boa orientação e o de possibilitar um bom estágio mas, a maneira como o conduzimos é diferente, porque os alunos são diferentes, cada um tem a sua velocidade, cada um tem os seus conhecimentos... Etc. Portanto, aprendi ao longo deste tempo, a desenvolver mais a minha própria capacidade de comunicação... Ah! E aprendi também, ser mais crítica e assertiva, como disse há bocado... Aprendi muito acerca de conhecimentos teóricos, quer pela minha pesquisa, quer pela pesquisa e pelos trabalhos dos alunos... Aprendi a reflectir mais no meu dia-a-dia como profissional que sou... Pesquiso e estudo mais, porque aprendi a dar mais valor a isso... Aprendi a pensar! E a questionar mais as coisas e as situações, e as próprias técnicas... A própria qualidade dos cuidados de enfermagem em si... Tipo, aprendi a ser mais pragmática! (risos)

